

ESPAÇO ADO MALAGOLI

ESPAÇO ADO MALAGOLI
CATÁLOGO DE EXPOSIÇÕES **2018**

ESPAÇO ADO MALAGOLI
CATÁLOGO DE EXPOSIÇÕES
2018

Organização Mélo di Ferrari

UFRGS. Porto Alegre, 2019.

Exposições 2018

ESPAÇO ADO MALAGOLI

O Centro Acadêmico Tasso Corrêa, vinculado ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, organiza anualmente o edital de ocupação do Espaço ADO Malagoli, com o intuito de oportunizar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos por artistas ainda em estágio de formação no curso de Artes Visuais. Neste sentido, esses artistas têm a possibilidade de organizar, na maioria das vezes, suas primeiras exposições individuais. No ano de 2018, oito estudantes foram escolhidos para, no período de abril a dezembro, apresentarem um conjunto de suas obras. Além disso, aos alunos do curso de História da Arte, é aberta a possibilidade de participarem como curadores ou propositores das exposições, tendo em vista que coloquem em prática, de forma experimental, uma das possíveis atividades que o currículo os oferece. Este catálogo, portanto, tem o objetivo de ser o registro documental e visual das mostras realizadas.

Paulo H Lange Minha Casa Feita de Areia e Água Salgada

Ana Paula Pollock Rosapitaya

Mayara Linhar Libertação

Santiago Pooter Rastro

Bruna Muller & Jaqueline Buchabqui Espelho da Personalidade

Nani Castiglio Mãoefolha

Cris Cardoso Pseudorótulos

Virgínia di Lauro Tramas no Vazio

MINHA CASA FEITA DE AREIA E ÁGUA SALGADA

Paulo H Lange

25/abril a 22/maio

A exposição apresenta trabalhos realizados entre 2016 e 2018. Os desenhos desenvolvem-se a partir do interesse nas diversas formas de operar a matéria gráfica e na capacidade de sugestão de narrativas desviantes, propondo enunciados que elucidam ou agravam metáforas visuais, e justapondo elementos e tratamentos plásticos dissonantes.

Um apanhado de situações e paisagens fundados sobre o chão movediço da psique. O comportamento errático decorrente das sucessivas reconfigurações do indivíduo. Adição e contradição.



ROSAPITAYA

Ana Paula Pollock

30/maio a 27/junho

Rosapitaya é uma instalação-exposição que leva ao público uma experiência estética a partir de atos contínuos de criação intuitiva. O ambiente se transforma numa espécie de ritual imagético com base numa existência cósmica e sensível: reflexo, espelho, janela, filtro, concha, cristal, pedra, planta, pintura, pitaya, cor, encontro, luz, espaço, tempo, vibração, corpo. Entre os violetas e escarlates, ondas transmitem vibrações ao cérebro e dão a ver tonalidades inúmeras de rosa. O que enxergamos são comprimentos das ondas que os objetos rejeitam, ou seja, a ecologia Rosapitaya impregna uma grande ilusão onde a cor satura a matéria até tornar-se matéria ela própria.

{Invadia-se de cor, sentia o contato físico da cor, ponderava a cor, tocava, pisava, respirava cor.}



LIBERTAÇÃO

Mayara Linhar

6 a 27 /julho

Curadoria Caroline Schmidt e Cristina Barros

Libertação (substantivo feminino)

Ação de colocar ou colocar-se em liberdade.

O conceito de libertação faz alusão ao caminho que a artista Mayara Linhar percorreu em sua produção nos dois últimos anos. Esse processo culminou na série de fotografias aqui exposta, que reflete a importância do encontro de um abrigo em si.

Estar livre é uma noção totalmente subjetiva. Culturalmente, a mulher é vista como um ser frágil que possui a identidade alicerçada em figuras masculinas e na afetividade que recebe delas. Tal ideia encontra eco no pensamento de Simone de Beauvoir, que afirmava que a mulher tinha os caminhos concretos para sua reivindicação e afirmação como sujeito negados, restando-lhe apenas o laço que a prendia ao homem. Ali, atada à figura masculina, a mulher não apenas permanecia sem reclamar qualquer reciprocidade dela, como também por vezes se satisfazia em seu papel de Outro. No entanto, a ruptura com essa barreira construída socialmente é capaz de ressignificar a relação de uma mulher consigo mesma e é necessária para que ela possa adquirir a capacidade de provocar mudanças que a façam evoluir e se fortalecer.

Assim, esta exposição convida nosso olhar a percorrer o mesmo caminho que a artista em busca da percepção mais profunda do seu "eu-instável", do seu "eu só". Você poderá desmentir a presença, encontrar-se em si, reconhecer-se em cada centímetro de pele presente em seu corpo e sentir-se insegura diante de tantas descobertas. Porém, estas etapas permitem o descobrimento de uma coragem questionadora, capaz de desmaterializar as nuances presentes nas relações afetivas do nosso tempo.

Caminharemos pelo fino tecido da percepção, passando por seus furos, suas falhas, até chegarmos, salvos, no abrigo "corpo-casa".



RASTRO

Santiago Pooter

8/ago a 2/set

Curadoria Mel Ferrari

A exposição *Rastro* surge da intenção de unir aspectos urbanos com os espaços institucionais, o que marca o caminho traçado por Santiago Pooter em sua trajetória. As vivências do graffiti e do pixo transformam-se em poética e reconfiguram-se para permitir explorar outras técnicas: a fotografia, a pintura, as instalações. Tais desdobramentos refletem nos espaços expositivos, que potencializam um diálogo maior de interferências e neutralizam o fundo branco tradicional. O cubo branco transforma-se e busca a identificação com a rua: pungente, ativa, não-neutra, viva e imparcial.

Lá fora, os canais estão em constante movimento, em transformação, aspecto vital que caracteriza a essência da cidade. Mas, na medida em que Santiago capta instantes das ações, temos um paradoxo entre a arte efêmera urbana e o registro artístico. *Rastro* propõe trazer para dentro do Instituto de Artes esses resíduos, que são ao mesmo tempo marcas e documentos da ação que transcorre lá fora. A rua para e sacraliza-se dentro de espaços de legitimação. É possível essa contemplação por parte do espectador? *Rastro* tem intenção de abrir esse caminho de interpretações, deixando o espaço expositivo livre para o diálogo.



ESPELHO DA PERSONALIDADE

Bruna Müller (Bunny-K) e Jaqueline Buchabqui

6 a 30/set

Texto de Paula Mastroberti

O tema da mostra de Bruna e Jakie refere-se a tudo, menos a uma *egotrip*. Ambas desejam investigar o conceito de personagem gerada a partir de um ato de espelhamento.

Mas o que é uma personagem?

Em etrusco, *persona* significa *máscara*, uma face de invenção, criada para o *drama* (em grego, *atuação*). Diferente daquilo em que normalmente acreditamos – a ideia de que um bom ator é aquele que nos ilude *fingindo* ser quem representa – , a *persona* (substantivo feminino), não esconde seu caráter de disfarce provisório (sabemos que, por trás da máscara, há um ser-outro, atuando *como-se*. Da mesma forma, ao criar uma *persona* ficcional, seja como parte de uma narrativa, seja como ilustração, ela será tanto mais palpável se não a encerrarmos em uma muralha existencial, mas a deixarmos livre e aberta às mais variadas produções de sentido.



A palavra *persona*, acrescida de seu sufixo e tornada *personagem*, reforça o sentido provisório e dinâmico da representação que não quer enganar, mas multiplicar a sua existência em outras. Ser/viver/criar uma personagem é colocar-se, pois, no lugar de outros, sem esquecer a si mesmo (o espelho sempre remete à nossa verdadeira face).

Se a personagem é esse exercício de alongar-se em direção ao fora-de-nós, como referir-se ao espelho, cuja força centrípeta nos leva em sentido contrário?

A resposta pode estar no tipo de espelho e na maneira como as duas artistas se colocam, uma diante da outra, procurando refletir suas afinidades e seu gosto pela criação de personagens, dando-se às mãos com o propósito de estabelecer conexões possíveis entre seus trabalhos e direções. O que ambas, Bruna e Jakie, tem em comum e compartilham entre elas e agora conosco, é um processo sincero de busca do sentido para suas transcrições como personagens – *personas* em atuação. Ambas conseguem fazê-lo com delicadeza e humor; vez em quando, um leve toque de melancolia.

Uma coisa é certa: elas não estão fingindo ser o que não são.

MÃOEFOLHA

Nani Castiglio

3 a 28/out

"A matéria é, assim, o primeiro adversário do poeta da mão."

Bachelard

A mão a que se refere esta proposta de exposição é um corpo, e está em corpo a corpo com outro corpo: a folha. A mão escreve porque o corpo pede escrita, porque depois de se debater desorganizado no corpo, desponta no papel o broto do texto. Então ele já é rastro deste corpo, ainda que possa ser apagado, ainda que possa ser varrido.

Esta exposição é um romper da semente de um grãozinho que esteve dormente por anos dentro do prédio porque sempre pensou que seu trabalho não era bom para ser mostrado. Ou porque achou que o que fazia não era trabalho de artista. O que pode ser trabalho de artista, mesmo? Esta exposição parte do ato de arregaçar uma das partes mais íntimas do seu propositor: o caderno.

Planejei preencher o painel ao fundo da sala com impressões e desenhos originais utilizados no meu TCC escrito à mão. Ainda que meu uso preferido dos cadernos seja manter segredos, me agrada a vulnerabilidade que abri-los provoca, e a textura visual que as colagens, desenhos e escritos formam: são retalhos de coletas exaustivas de sensações, estudos e pensamentos. A fim de que escritos à mão na linha de um corpo movente possa ser apreciado e mexido como foi feito para ser, o livro-de-artista/caderno estará também exposto: outro corpo, à disposição das mãos.

Não só as folhas de papel participam das minhas coletas, mas também as folhas de árvore, os galhos, as sementes. Corpos que também estão num corpo-a-corpo comigo e que ocupam espaços em minhas páginas e em minha casa. Tenho uma instalação com estes corpos planejada. Por ser grande e incluir corpos que perecem, junto a outros que estão prontos, nunca foi montada. O aglomerado e o caminho das folhas coletadas estica-se em direção ao painel grande, encontrando em seu caminho as palavras que dele escorrem, espalham-se, enraízam-se.



Os fragmentos escritos a carvão, tramados e bordados com desenhos, impermanentes, estarão lá para declarar um grande amor pela escrita, pelas palavras, pela poesia. Pelo processo de sorver do mundo as potências brotadas dos contatos dos corpos e devolver a eles as sensações transformadas. Pela aceitação de que nem tudo o que se coleta é lindo, mas que há beleza neste corpo-a-corpo; na receptividade da terra acolhedora, da página, da parede; no florescer e no desabrochar, sim, mas também na quebra da dormência da semente.

PSEUDORÓTULOS

Cris Cardoso

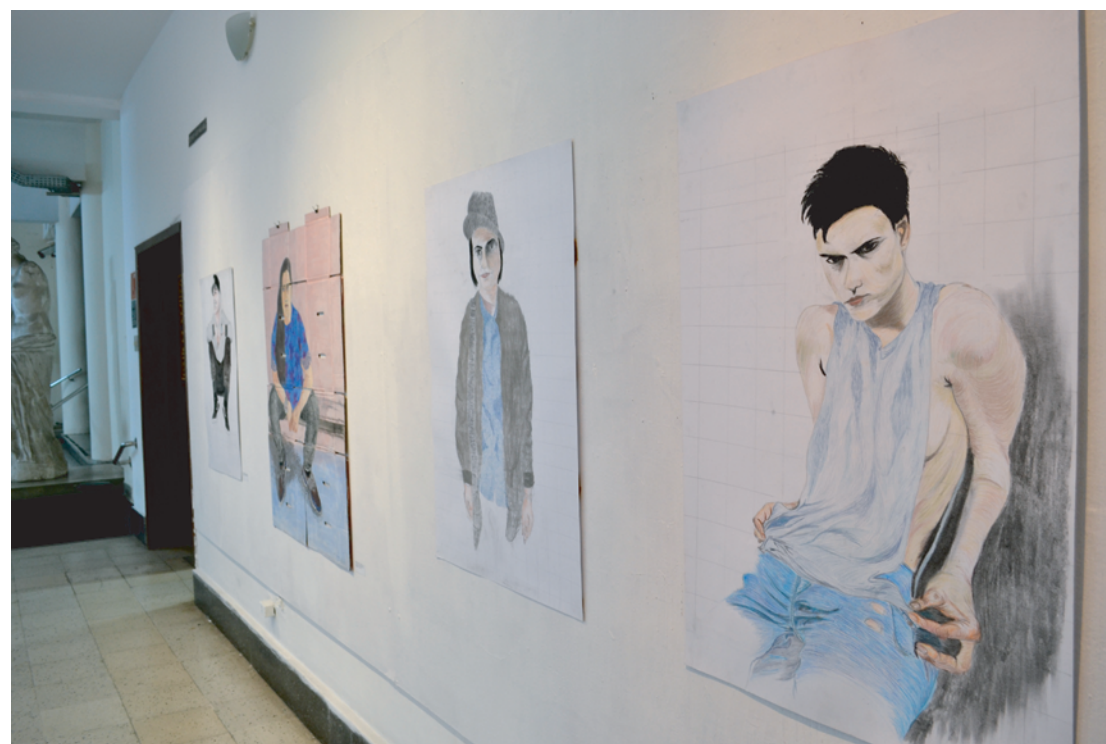
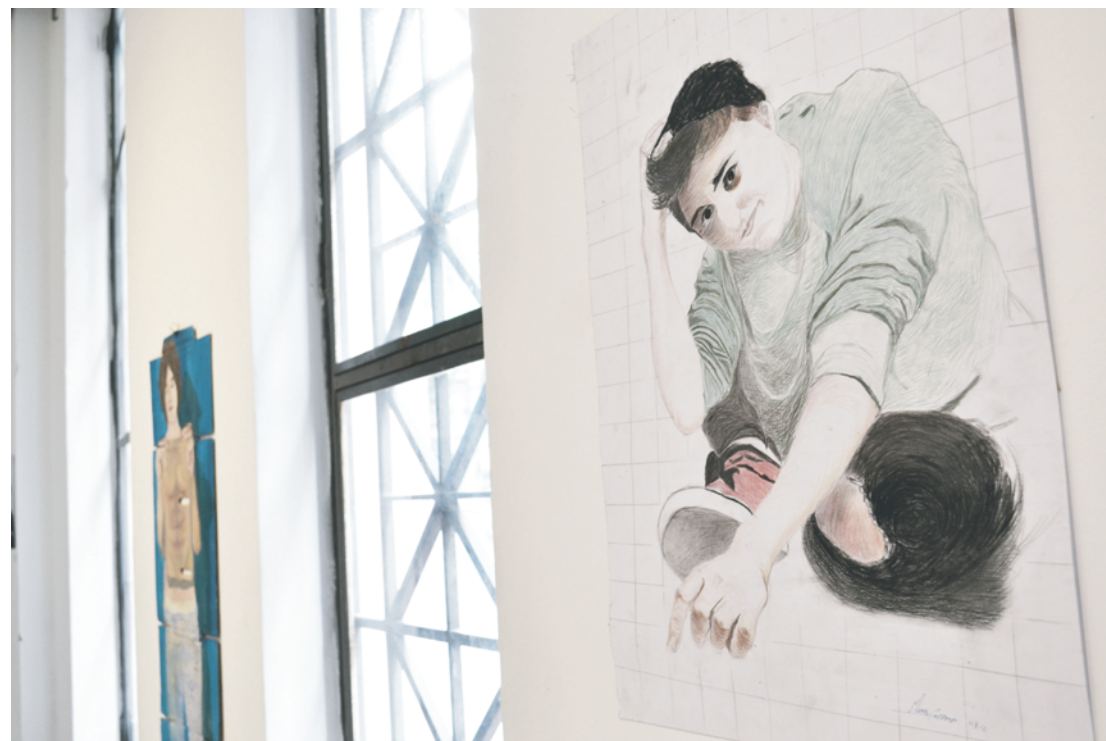
1 a 25/nov

Iniciada em 2016, a série trata dos limites de aparência entre feminino e masculino. O enfoque figurativo é voltado para o sentido FTM (Female to Male, isto é, do gênero feminino em direção ao masculino), no qual, por vezes, o limite imaginário entre as aparências feminina e masculina praticamente se dissolve ou engana (daí o título *Pseudorotulos*) em meio ao estilo de vestimenta, cortes de cabelo e modos de posar.

A principal reflexão proposta no conjunto de trabalhos questiona: Afinal, o que define esteticamente a masculinidade? Barba aparente? Cabelo curto? Roupas (literalmente) rotuladas como masculinas? Trata-se de uma construção subjetiva e, justamente, ao contrário de alguns paradigmas, facultativa a ambos os sexos. Uma mulher pode desejar uma aparência masculina sem necessariamente desejar a mudança de sexo ou mesmo de gênero, por exemplo. No quesito comportamento, há muitas vezes um esforço em "ser masculina" que implica não apenas a mudança de pose (afrontando, por exemplo, a frase "Senta que nem mocinha!"), mas também das expressões faciais. É frequente, por exemplo, que a expressão facial séria, fechada, seja mais associada ao rosto masculino/masculinizado do que o oposto. Há quem deseje sorrir sem se importar com esse fator.

O papelão, experimentado como suporte a partir de 2017, além de suas vantagens físicas (resistência e espessura), remete ao índice da caixa que foi anteriormente, podendo ser associado às ideias de padrões de construção, limites, aprisionamento e libertação, muito presentes em meio a afirmação da identidade, por exemplo.

Pseudorótulos põe a prova paradigmas de gênero e comportamento, sem deixar de lado o primor no processo de construção dos desenhos; sujeitos, por vezes, a uma rápida e despreziosa contemplação. Cada desenho foi construído em diversas etapas, tal qual se constroem gêneros e aparências.



TRAMAS NO VAZIO

Virgínia di Lauro

28/nov a 28/dez

Curadoria Mel Ferrari

O fio que compõe a linha da vida era tecido pelas moiras, personagens da mitologia grega responsáveis por determinar o destino dos homens. As três irmãs carregavam toda a simbologia do ciclo da vida, nascimento à morte, através da atividade do tecer, um processo manual intimamente ligado ao feminino. Em *Tramas no Vazio*, a artista Virgínia Di Lauro, utiliza o mesmo elemento da linha para unir realidade e mundo onírico, as paisagens criadas são lugares afetivos e imaginários, onde os corpos, sempre femininos, estão submersos no vazio. Esse mundo imaginado é metafísico, carregado de simbologias íntimas, mas que convidam o espectador a revisitar seu próprio inconsciente.

O processo criativo de Virgínia é impulsivo e complexo. As fotografias são feitas pela própria artista e ela mesma é a personagem da maioria das obras que, após reveladas, sofrem com recortes, queimaduras, furos; são inundadas por tinta e tecidas com bordados. A técnica mista é característica marcante de toda obra, assim como a predominância da cor vermelha que ora é fundo, ora é linha.



ESPAÇO ADO MALAGOLI

Comissão de Seleção

Adriane Hernandez

Felipe Queiroz

Heloísa Marshall

Luís Edegar de Oliveira da Costa

Produção

Carlos Diego Fontoura

Mélodi Ferrari

Realização

Centro Acadêmico Tasso Corrêa

Instituto de Artes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CATÁLOGO 2018

Edição e Organização

Mélodi Ferrari

Revisão

Cristina Barros

Fotografia

Mélodi Ferrari

Nani Castiglio

ISBN: 978-85-9489-170-9

